

SIARÁ

ALÉM DO ARCO-ÍRIS

Rogério Cavalcante

3ª Edição

2011

SIARÁ
ALÉM DO ARCO-ÍRIS
ROGÉRIO CAVALCANTE

Romancista, contista e poeta

Rua Pastor Jeremias, nº 65 - Quadra 23, Casa 21 – Conj. Universitário
Rio Branco – Acre / CEP 69.917 – 714

E-mail: rogcavalcanti53@gmail.com

3ª Edição – 2011

Copyright 2011 pelo autor

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução ou a duplicação fotomecânica de todo o volume ou de parte dele sem a permissão expressa do autor. Direitos desta edição exclusivos do autor.

ISBN 978-85-907853-3-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cavalcante, Rogério
Siará: além do arco-íris / Rogério
Cavalcante. --
3. ed. -- Rio Branco: Ed. do Autor, 2011.

1. Ficção brasileira I. Título.

11-00128

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

SUMÁRIO

PREÂMBULO

CONTÉUDO	PÁGINAS
CAPÍTULO I – SIARÁ	6
CAPÍTULO II – UBIRATÃ	19
1 - UBIRATÃ E MADALENA E A LENDA DO ARCO-ÍRIS	20
2 – UBIRATÃ E O COMANDANTE VICENTE PINZÓN	35
3 – O FUNERAL DE MAURITI	50
4 – VICENTE PINZÓN E A DESCOBERTA DO BRASIL	56
CAPÍTULO III – PUNARÉ	69
1 – O BRAVO NAVEGANTE AÇORIANO PERO COELHO DE SOUSA	70
2 – PERO COELHO DE SOUSA E MARIA TOMÁSIA BARBOSA	74
3 – A BATALHA DA IBIAPABA	110
4 - O TRISTE FIM DE PERO COELHO DE SOUSA E MARIA TOMÁSIA BARBOSA DEPOIS DA PRIMEIRA GRANDE SECA DO CEARÁ	119
5 – A COMPANHIA DE JESUS	122
CAPÍTULO IV – COATIABO	125
1 – MARTIM SOARES MORENO E IRACEMA	127
2 – IRAPUÃ, O MEL REDONDO	131
3 – CAUBI	137
4 – O SERTÃO DO ICÓ É DO CAICÓ	147
5 – A CONQUISTA DEFINITIVA DO CEARÁ	151
CAPÍTULO V – MOACI	165
1 – TEM SOFRIMENTO ATÉ NO NOME?	166
2 – A CONQUISTA DO CARIRI, INHAMUNS E CRATEÚS	169
3 – MOACI E JACIRA	175
4 - NEM O MAR NEM AS ESTRELAS	178
5 – MOACI E O PRIMEIRO GOVERNO INDEPENDENTE DO SIARÁ	183
6 – A PRIMEIRA INVASÃO DOS HOLANDESES	186
7 – OUTRA GRANDE SECA NO SIARÁ	194
8 – INDAIÁ, A DEUSA ÁGUA	197
9 – A SEGUNDA INVASÃO DOS HOLANDESES	205
10 – O ADEUS AO GUERREIRO BRANCO	208
CEARÁ: A TERRA ALENCARINA	210

INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

PREÂMBULO

Através desta pequena e despretensiosa obra literária, um romance que é misto de história e ficção, trago ao conhecimento do amigo leitor apenas algumas informações sobre as origens do CEARÁ e do POVO CEARENSE, onde faço um relato sobre o seu passado indígena, inclusive sobre a vida de alguns de seus índios mais famosos, bem como também mostro o esforço do colonizador europeu no alvorecer de nossa civilização, para que as gerações futuras saibam que o cearense é essencialmente índio e que nós tivemos uma longa história muito antes do homem branco europeu aqui chegar. Tivemos os nossos líderes e heróis, índios e brancos. E espero que eles fiquem eternamente guardados na memória de cada um.

Às vezes sinto que realmente uma voz superior me pediu para entrar nas suas vidas e disse: "Vá lá e lhes mostre a dádiva de sua existência. Peça-lhes para aproveitar cada momento de suas vidas com todo fervor. Diga-lhes que a riqueza que tanto se busca está mesmo é dentro de cada um. É só olhar e saber sentir!"

Foi-me dada mesmo a missão de lhes falar de amor, vontade de viver, esperança, paz e trabalho, tudo em busca da felicidade. Vim para lhes trazer algum prazer, todas essas sensações e emoções inesquecíveis. Quero ser inesquecível, estar nas suas vidas, marcar os seus corações com as minhas palavras simples e lhes mostrar o que está e o que se pode alcançar **ALÉM DO ARCO-ÍRIS.**

Rogério Cavalcante

Contato:

E-mail: rogcavalcanti53@gmail.com

CAPÍTULO I

SIARÁ

A nossa estória começa às margens do Oceano Atlântico, numa região de mares até então desconhecidos, praias paradisíacas e também desertas, onde a paisagem se completa com uma mata nativa de vegetação baixa, rala e perfumosa à beira-mar, entremeada de palmeiras, ninho de *arás*, em torno de um rio, um riacho e uma enseada. O rio, que se chamava PIRANGI, era o mais importante da região e as suas águas mansas se misturavam com as do mar bravio próximo a enseada do MACORI, lugar onde pela primeira vez o homem branco europeu chegou ao Brasil. Entre o rio de águas límpidas e a enseada rodeada de coqueiros postado estava o Riacho MARAJAITIBA.

Com a ocupação da região, a enseada passou a se chamar MOCORIBE (atualmente MUCURIBE), o riacho recebeu o nome de PAJEÚ e do nome do rio, que se chamou SIARÁ, nasceu também o nome primeiramente da *Capitania do Siará Grande*, que chegou a ser **Governo Independente do Siará**, depois simplesmente *Província do Siará*, em seguida foi até **República** e, hoje, é esta nossa querida terra chamada **CEARÁ**.

O nome do atual Estado do Ceará, portanto, deriva do nome do *Rio Ceará*, que deságua no mar na Barra do

Ceará, uma praia da capital cearense. O nome *Ceará* deriva da palavra SIARÁ, um nome composto de origem tupi que quer dizer *CANTO FORTE DA JANDAIA*: de *CEMO* (canto forte) + *ARÁ* (pequena arara ou periquito, também chamado de *jandaia*). Diz a tradição que pras bandas daquele rio havia muitas jandaias, onde por entre as matas se ouvia o seu canto forte, o que levou os índios da região a mudarem o nome do Rio Pirangi para Rio *Siará*, ou seja, o rio de onde se ouvia o canto forte das jandaias.

É importante aqui dizer que muito bem antes do homem branco europeu chegar ao SIARÁ, as terras cearenses já eram habitadas há milhares de anos pelos povos indígenas. Sabe-se, por exemplo, que os índios *tremembés* chegaram à Região Nordeste há milhares de anos. São de origem siberiana, atravessaram primeiramente o Estreito de Behring, chegando às terras da América do Norte e depois se deslocaram para a América do Sul, há 18 ou 20 mil anos. Inicialmente habitavam a região que fica entre o Rio Açu (RN) e o Rio Gurupi (MA), mas a poderosa nação dos *tremembés* hoje se resume a apenas 2.247 pessoas (IBGE, 1992), que vivem no Distrito de ALMOFALA, no município cearense de ITAREMA.

A colonização do SIARÁ pelos povos indígenas ocorreu tanto pelo seu rico litoral, quanto pelo seu ressequido e ardente interior ou sertões. Com o passar dos anos, os *tremembés* foram se enfraquecendo, após constantes derrotas, sendo expulsos do Maranhão pelos *timbiras*, do Piauí pelos *tocarijus* e do Rio Grande do Norte pelos *parnamirins* e *pitiguaras*.

Os *pitiguaras* chegaram a dominar grande parte do litoral nordestino, estendendo o seu domínio do Rio Grande do Norte até o Rio Parnaíba, na fronteira do Piauí com o Maranhão. Eram valentes e impiedosos guerreiros dos vales e do litoral, vivendo essencialmente da pesca. Chamavam-se *pitiguaras*, de PITI (= vale) + UARA (= aquele que vive). Portanto, eles eram OS POVOS DOS VALES. Entretanto, para os seus inimigos tabajaras eles se chamavam *potiguaras*, de POTY = camarão de água salgada (pois PITU = camarão de água doce) + UARA (= aquele que vive). Portanto, POTIGUARA significa COMEDOR DE CAMARÃO ou “aquele que vive de camarão”.

Enquanto os *potiguaras* dominavam os vales e o litoral, os *tabajaras* eram os senhores das aldeias nas serras,

montanhas e chapadas do interior cearense, restringindo-se o seu domínio inicialmente à Chapada da Ibiapaba, desde as terras de Ubajara e Tianguá, na Serra Grande, até o Ipu. Chamavam-se *tabajaras*, de TABA (= aldeia) + JARA (= senhor). Portanto, os tabajaras eram OS SENHORES DAS ALDEIAS.

Antes da chegada do colonizador português, *tabajaras* e *potiguaras* viviam lutando entre si pelo domínio das terras do SIARÁ, mas com o trabalho de Pero Coelho de Sousa (PUNARÉ) e de Martim Soares Moreno (COATIABO), essas duas tribos passaram a conviver em relativa paz, ficando os tabajaras definitivamente com o domínio do Siará e os potiguaras com o Rio Grande do Norte.

Na formação do povo cearense estão presentes duas grandes nações indígenas:

1. TUPI

Os tupis habitavam da serra para o litoral. Suas principais tribos eram:

Tabajaras, Potiguaras, Parangabas, Paupinas, Caucaias, Tapebas, Paiacus e Parnamirins.

2. TAPUIA ou JÊ

Os tapuias habitavam o interior cearense, os sertões. Suas principais tribos eram:

Tremembés, Canindés, Baturités, Jenipapos, Guanacés, Jaguaruanas, Icós, Quiripaus, Cariris, Quixelôs, Jucás e Chocós.

Algumas figuras do imaginário indígena e alguns índios famosos que viveram nas terras do SIARÁ:

ACAJUÍ: Líder tabajara da região da Ibiapaba.

AMANAY: Algodão. Chefe dos potiguaras do litoral cearense e que acolheu os Padres Francisco Pinto e Luís Filgueira. Tornou-se amigo dos holandeses, mas com a expulsão desses, mudou-se para Camocim.

AMARANI: Líder dos índios caucaias e que muito ajudou a catequese jesuítica naquela região.

ANDIRÁ: Bravo guerreiro tabajara, filho de Ubiratã e Madalena, irmão de Araquém, Uiraquitã e Moema.

ARAQUÉM: Pajé tabajara. Filho de Ubiratã e Madalena, pai de Caubi e Iracema e irmão de Andirá, Uiraquitã e Moema. Casou-se com a índia paiacu Inaiara. Foi morto pelos tocarijus na Ibiapaba.

ARESQUI: Deus da guerra.

BATUIRETÉ: O Valente Nadador. Índio potiguara, pai de Jatobá e avô de Poti e Jacaúna. Habitava a região da Serra de Maranguab (atual Maranguape). No Ceará existe uma cidade com o seu nome (Baturité). Batuieté e seus netos Jacaúna e Poti são considerados os chefes potiguaras mais importantes.

BUTANTÃ: Índio que acompanhou Pero Coelho de Sousa em sua viagem ao Siará. Era exímio conhecedor de plantas venenosas e animais peçonhentos das matas nordestinas.

CAICÓ ou **GONÇALO:** Índio da tribo dos caicós. Tornou-se fiel amigo de Pero Coelho de Sousa, Simão Nunes Correia e de Martim Soares Moreno. Dominou o sertão do Icó a Caicó e lutou contra os holandeses ao lado de Martim Soares Moreno e Poti.

CAMOROPIM: Chefe dos potiguaras da região de Trairi.

CARAGUATIM: Um dos 200 índios flecheiros que acompanharam Pero Coelho de Sousa em sua viagem ao Siará.

CARAIA: Francisco CARAIA foi guia dos holandeses na busca da prata de ITAREMA.

CARAPECU: O Diabo Ligeiro. Filho do Diabo Grande, "muito disposto e arrogante", segundo o jesuíta Padre Luís Filgueira. Com a morte do Padre Francisco Pinto, deixou o cabelo crescer e os tingiu em sinal de luto.

CAUBI: O Senhor dos Caminhos. Índio tabajara, filho de Araqué e Inaiara, irmão de Iracema. Era primo de Irapuã e de Ibaúna.

COBRA AZUL (Pai): Cacique tabajara muito brabo. Foi quem hospedou o Padre Luís Filgueira, após este escapar do massacre dos tocarijus, no qual morreu o Pe. Francisco Pinto, o Pai Pina.

COBRA AZUL (Filho): Diferente do pai. Manso e benquisto de todos.

FILIFE CAMARÃO: Antônio Filipe Camarão prestou muito serviço ao Brasil na luta contra os holandeses. Para a maior parte dos autores ele era o próprio índio POTI, grande líder dos potiguaras, filho de Jatobá e Saí, neto de Batuireté e irmão de Jacaúna, natural de Viçosa do Ceará.

IARA: Esposa do cacique Mauriti, mãe de Ubiratã. Virou uma lenda, tida como a **mãe d'água** ou **sereia do mar**.

IBAÚNA ou **UBAÚNA:** Índio tabajara, primo de Irapuã (Mel Redondo) e de Caubi e Iracema. Era filho de Moema.

INAIARA: Índia paiacu esposa de Araquém. Foi morta pelos tocarijus na Ibiapaba.

INDAIÁ: Índia tremembé que se tornou uma lenda, tida como a Deusa Água.

IRACEMA: A Virgem dos Lábios de Mel. Índia tabajara, irmã de Caubi e filha de Araquém e Inaiara. Era prima de Irapuã e de Ibaúna. De seu romance com Martim Soares Moreno nasceu MOACIR. O povo cearense é essencialmente índio com uma pitada do homem branco. Essa mistura é MOACIR, que representa o início da formação do povo cearense. Hoje existe uma cidade no Ceará com o nome de IRACEMA. Em Fortaleza existe a Praia de Iracema com o monumento à índia Iracema, um bairro chamado Jardim Iracema, a Rádio Iracema, o Palácio Iracema e na Lagoa de Messejana existe a Estátua da Índia Iracema.

IRAPUÃ: O Mel Redondo. Líder tabajara, habitante da Chapada da Ibiapaba. Era primo de Caubi, Iracema e

Ibaúna. Com o Diabo Grande e Ubaúna enfrentou Pero Coelho de Sousa.

JACAÚNA: O Jacarandá Preto. Líder dos potiguaras que habitavam o litoral cearense. Era filho de Jatobá e Saí, neto de Batuireté e irmão de Poti. Era muito amigo de Martim Soares Moreno. Habitava as margens do Acaracu, atual Rio Acaraú. Liderava os potiguaras da região do Rio Parnaíba até a região do Rio Jaguaribe.

JACIRA: A Filha da Lua. Índia guerreira da tribo dos icós. Casou-se com Moacir.

JACÓ: Índio tabajara que tinha uma grande veneração por São Benedito. Festejava anualmente, daí vindo o nome do atual município cearense.

JAGUARAÇU: Chefe dos potiguaras da região do Mundaú.

JATOBÁ: Filho de Batuireté, esposo de Saí e pai de Poti e Jacaúna. No município cearense de Santa Quitéria existe um rio e uma serra com o seu nome.

JOACI: Índio tabajara primo de Ubiratã.

JUÇARA: Índia tapeba esposa de Caubi. Foi morta pelos tocarijus na Ibiapaba.

JURUPARAÇU ou **JURIPARIGUAÇU:** O Diabo Grande. Chefe indígena que comandava os tabajaras do Piauí e das áreas dos atuais municípios cearenses de Guaraciaba do

Norte e Ibiapina até os sertões de Ipu. Em 1603 resistiu contra a colonização pretendida por Pero Coelho de Sousa, mas, derrotado, passou a colaborar. Foi ele quem fez o enterro do Padre Francisco Pinto, após o seu assassinato.

LAGARTIXA ESPALMADA: Líder indígena da região da Ibiapaba.

MADALENA: Índia canindé esposa de Ubiratã. Hoje é nome de uma cidade do Ceará, pertinho da cidade de CANINDÉ.

MANDIOCA PUBA: Um dos 200 índios potiguaras flecheiros que acompanharam Pero Coelho de Sousa ao Siará em 1603.

MAURITI: Chefe tabajara. Pai de Ubiratã. Hoje tem uma cidade do Ceará com o seu nome.

MILHO VERDE: Contemporâneo de Cobra Azul, filho da Ibiapaba.

MOACIR / MOACI: O Filho do Sofrimento. Filho da índia tabajara Iracema com o colonizador português Martim Soares Moreno (Guerreiro Branco). Mauriti, Ubiratã e Moacir são considerados os mais importantes chefes dos tabajaras. Moacir também é tido como o primeiro cearense, um misto de tabajara com português. E foi a partir dele que se formou o povo cearense.

MOEMA: Índia tabajara, filha de Ubiratã e Madalena, irmã de Andirá, Araquém e Uiraquitã.

PARAUPABA: Cacique potiguara que jurava para os holandeses a existência das minas de ITAREMA (Taquara).

POTI: O Camarão. Líder dos potiguaras que habitavam o litoral do Siará e Rio Grande do Norte. Era neto de Batuireté e filho de Jatobá e Saí. Era natural de Viçosa do Ceará. Com a morte do irmão Jacaúna, tornou-se o maior líder de todos os potiguaras.

SAÍ: Esposa de Jatobá, mãe de Jacaúna e Poti.

TUPÃ: Deus do trovão.

UBIRAJARA: O Senhor da Lança. Índio tabajara, o filho mais velho de Juruparaçu e irmão de Carapeçu.

UBIRATÃ: Chefe da nação dos tabajaras, filho de Mauriti e de Iara. Casou-se com Madalena. Criou o protótipo de uma jangada e fez o primeiro contato com o colonizador europeu Vicente Pinzón.

UIRAQUITÃ: Índio tabajara, filho de Ubiratã e Madalena, pai de Irapuã e tio de Ibaúna, Caubi e Iracema. Foi morto pelos tocarijus na Ibiapaba.

Eis que então pelas terras do Siará, num passado distante, na beleza de suas praias e na grandeza de seus mares; na sequidão dos seus sertões e na singeleza de seus rios, de águas calmas e raras; na quietude de suas várias serras, por onde se espraia o aroma de pitanga madura; na lonjura e riqueza de seus vales, por onde passeiam, cantam e encantam as jandaias; sob o azul do seu límpido céu e sob a luz das suas estrelas, vidas e muitas vidas por lá passaram, até que surgem Ubiratã e Madalena, dois personagens inesquecíveis desta nossa estória.

CAPÍTULO II

UBIRATÃ

O FILHO DO GRITO

1 – UBIRATÃ E MADALENA E A LENDA DO ARCO-ÍRIS

Era o ano de 1500. **Ubiratã** e **Madalena** estavam cansados da longa viagem e resolveram repousar à sombra da jurema, antes de irem se banhar na praia do Mocoripe. Percorreram longa distância da Chapada da Ibiapaba até chegarem à beira-mar, tentando alcançar um lindo e enorme arco-íris que se formara por toda a manhã naquele céu de rosicler.

Um lindo arco-íris doirado que atraía todos da sua tribo no centro da aldeia de Ubajara. Ubiratã, obedientemente, após receber a ordem do seu pai, o cacique **Mauriti**, foi se despedir da sua amada antes de partir. Tinha que ir pegar o arco-íris e assim fazer chover de novo nas terras da tribo dos tabajaras. Fazia tempo que não chovia e o pajé já concluía que era o arco-íris que bebia toda a água da chuva! Precisava correr ligeiro, antes que aqueles raios coloridos de luz se esvaíssem no horizonte. Sabia que se conseguisse pegar o arco-íris, o seu povo também poderia dominar o mar. Não precisariam viver mais escondidos somente por entre as serras e montanhas do sertão. Os potiguaras com certeza passariam a temê-los e assim se retirariam para as bandas do Apodi.

Madalena, índia da tribo dos canindés, de todas as mulheres a mais bela, ainda suspirava todo o seu recente e doudo amor pelo jovem e valente guerreiro tabajara. Ao vê-lo aproximar-se, meio que cabisbaixo, já lhe disse altivamente:

- Meu querido amor! Já perdi o meu pai e todos os meus irmãos nesta mesma empreitada. Não quero ficar sofrendo aqui, sem saber se tu vais voltar ou não. Prefiro ir e morrer contigo.

Ubiratã sofregamente a abraçou, a beijou carinhosamente e lhe pediu que fosse buscar a tipoia, pois ambos partiriam já naquele momento. Não poderiam perder mais tempo. E assim os dois se foram.

Ao chegarem à costa, como das outras vezes, com o sol a pino e forte, já não estava mais lá o arco-íris! Desaparecera? Ou o mar o havia engolido? E assim cansados, desolados, deitados na Volta da Jurema, lamentaram aquela tamanha decepção! Como voltar pra casa de mãos vazias? Como ele poderia um dia assumir o lugar de seu pai no comando da tribo?